

**A VOZ NEGRA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): REFLEXÕES A
PARTIR DE UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

*THE BLACK VOICE IN THE EJA YOUTH AND ADULT EDUCATION ROOM: A
BIBLIOGRAPHICAL REVIEW*

Wilker Denis Silva Martins ¹Dominique Lemos de Melo ²Maria de Lurdes Fernandes Pereira ³Francisca Vilani de Souza ⁴

RESUMO: O presente resumo é uma pesquisa bibliográfica que tem como finalidade apresentar recortes de narrativas de pessoas negras que estão presentes na Educação de Jovens e Adultos (EJA), objetivando trazer a luz a subjetividade das suas vivências, particularidades e contexto social. Narrativas essas que por muito tempo são silenciadas, mas que trazem a riqueza e contribuição na construção de uma sociedade plural. O material selecionado para o levantamento desse resumo contém informações de artigos com os anos de 2009, 2019, 2022. Tendo como critério de seleção, falas que contenham o sentido e significado de suas relações como pessoas negras no contexto da educação de Jovens e adultos. Para que assim, posteriormente, se inicie uma pesquisa de campo para uma aproximação da realidade dos pesquisadores, já que os documentos levantados trazem o seu recorte regional que pode ser um elemento que aproxima ou distância do contexto das pessoas negras que vivem na região dos pesquisadores.

Palavras-chave: Pessoas Negras; Educação de Jovens e Adultos; EJA; Revisão bibliográfica.

ABSTRACT: This summary is a bibliographical research that aims to present excerpts from narratives of black people who are present in Youth and Adult Education (EJA), aiming to bring to light the subjectivity of their experiences, particularities and social context. These narratives have been silenced for a long time, but which bring richness and contribution to the construction of a plural society. The material selected for the collection of this summary contains information from articles from the years 2009, 2019, 2022. The selection criteria included statements that contain the meaning and meaning of their relationships as black people in the context of youth and adult education. So that, subsequently, field research can begin to get closer to the reality of the researchers, since the documents collected bring their regional focus, which can be an element that brings or distances the context of black people who live in the region of the researchers.

Keywords: Black People; Youth and Adult Education; EJA; Bibliographic review.

INTRODUÇÃO

¹ Mestrando (a) em Ciências da Educação World University Ecumenical -WUE Flórida/EUA. E -mail Wilkermpsi@gmail.com

² Mestrando (a) em Ciências da Educação World University Ecumenical - WUE Flórida/EUA. E -mail domilemos015@hotmail.com

³ Mestrando (a) em Ciências da Educação World University Ecumenical -WUE Flórida/EUA. E -mail

⁴ Professora da Disciplina Educação e Relação de Gênero e Étnico Racial. World University Ecumenical- WUE professoravilani@gmail.com

Quando partimos da visão de uma educação básica como base da nossa formação intelectual, em sua maioria remetemos a um ritual comum da sociedade ocidental se iniciando na infância e se estendo no mínimo a adolescência. Porém muitos não conseguem concluir esse ritual por inúmeras questões, os números de evasão escolar são compostos em sua maioria pelos grupos de pessoas LGBTQIAPN+, pessoas com deficiências e pessoas negras. Por trás dessa evasão existem várias questões que podem ser vindas do preconceito que vivem no ambiente escolar, gravidez ou necessidade de gerar renda para a família.

Segundo o Ministério da Educação (MEC) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2020 a taxa maior da desistência escolar se encontrava no Ensino Médio (UNICEF, 2021). Assim como a Fundação Roberto Marinho também afirma que em 2020, 2,6% dos matriculados na Rede Estadual desistiram e em 2021 chegou a 5,8%, em consequência a isso segundo a Organização TODOS PELA EDUCAÇÃO (2021) se teve um aumento visivelmente destacado de jovens negros, pardos e indígenas na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

“A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.” (BRASIL, 1996). A EJA surgiu como ação compensatória, que tinha como objetivo alfabetizar jovens e adultos que tiveram suas trajetórias escolares interrompidas, afim de diminuir os altos índices de analfabetismo no Brasil, sendo uma das modalidades de educação existentes no país a qual tem o grande educador brasileiro, Paulo Freire, como pensador de um método de ensino considerado inovador para a época em que viveu, anos antes da criação da EJA.

Sua forma de pensar na educação como um meio para transformar as pessoas em seres críticos-reflexivos a fim de que se tornassem independentes intelectualmente possibilitou a criação de um método de ensino baseado nas experiências dos educandos, dessa forma conseguiu alfabetizar e letrar jovens e adultos em seu mais famoso projeto de “40 horas em Angicos”, mostrando que as vivências das pessoas são tão importantes quanto a ciência, que o ensino para esse público não deve ser trabalhado da mesma forma que se trabalha com crianças, e que essas trocas em sala de aula se tornam mais interessantes, e de fácil compreensão fazendo com que a aula fique mais atrativa e produtiva, por consequência, havendo menos evasão e maior frequência escolar.

Neste trabalho vamos dissertar a respeito das pessoas pretas em relação a EJA, por meio de pesquisa bibliográfica, apresentando recortes de narrativas de pessoas negras que estão presentes na Educação de Jovens e Adultos (EJA), objetivando trazer a luz a subjetividade das suas vivências, particularidades e contexto social.

METODOLOGIA

Para a fundamentação metodológica desta pesquisa nos baseamos em PRODANOV e FREITAS (2013) estes discorrem acerca da finalidade da pesquisa científica:

não é apenas um relatório ou uma descrição de fatos levantados empiricamente, mas o desenvolvimento de um caráter interpretativo no que se refere aos dados obtidos. Para tal, é imprescindível correlacionar a pesquisa com o universo teórico, optando por um modelo que sirva de embasamento à interpretação do significado dos dados e fatos colhidos ou levantados. Nesse sentido, todo projeto de pesquisa deve conter as premissas ou os pressupostos teóricos sobre os quais o pesquisador fundamentará sua interpretação. (p. 131).

Os mesmos autores também classificam como “**Método:** Forma de pensar para chegarmos à natureza de determinado problema, quer seja para estudá-lo ou explicá-lo.” (p. 126). Esse trabalho foi escrito com base em um levantamento bibliográfico de alguns artigos que abordam as vivências de pessoas negras e como elas afetaram sua trajetória escolar, para isso selecionamos publicações que tratam de assuntos relacionados a EJA e relações raciais para analisarmos fatores que influenciaram na evasão escolar na idade certa, considerada pela lei brasileira, e a entrada dessas pessoas na EJA.

Nos baseamos nos mesmos autores para classificar nosso trabalho segundo quadro elaborado por eles nomeado de “critérios de *design* da pesquisa” (p. 126), segundo eles a pesquisa utiliza como critério o procedimento técnico, sendo classificada como pesquisa bibliográfica por ser “concebida a partir de materiais já publicados” (p. 128). Também se enquadra no critério abordagem, classificada como qualitativa, na qual “o ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados.” (p. 128).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O contexto histórico étnico-racial mescla com a história do país, tanto através da cultura, culinária, música e religião quanto no processo de educação, nesse contexto educacional a busca da escola apta para acolher a diversidade precisa ser aberta a diferentes diálogos como Fernandes e Souza (2016) explicam:

Uma escola apta a favorecer as diferenças e o diálogo entre os indivíduos de diferentes grupos étnico-raciais permite, ao educando negro, desconstruir estereótipos e preconceitos em relação à sua origem e adquirir sentimento de pertença, que pode conduzi-lo a atuar em defesa dos valores de seu grupo étnico-racial. A escola pode assim possibilitar ao aluno negro um questionamento sobre o seu corpo que não o leve

a tentativa de fazer-se branco, mas de tornar-se negro (FERNANDES; SOUZA, 2016, p. 215)

Porém a evasão escolar é um assunto presente na vida de algumas pessoas que tem sua trajetória atravessada por questões familiares, preconceitos, questões financeiras e limitações de acesso a escola que fazem com que essas pessoas em sua maioria negras recorram a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como apresenta, Todos Pela Educação (2021). E nesse ambiente a trajetória histórica tece o processo subjetivo de relação sujeito e contexto que marcam um grupo como Tacca e Rey (2008) explica:

Outra característica marcante da subjetividade é seu caráter histórico, que abrange a história das diferentes relações do sujeito nos contextos da vida cotidiana, que é essencialmente cultural, pois que é marcada pelos sistemas de valores e construções simbólicas atuais dos grupos de referência. (TACCA & REY, 2008, p. 146)

E o contexto desse grupo marcado por estigmas próprios, construídos durante a história e a visão que trazem na sua rotina de estudo na EJA, construindo também estereótipos através dos tempos que os impedem de se sentir representados.

Os estereótipos funcionam como dispositivo de economia semiótica, já que o outro, reduzido a um conjunto mínimo de signos, não é visto em sua complexidade humana. Consequentemente, o estereótipo permite que se lide com o outro sem nuances, as sutilezas e as profundidades que envolvem a questão da alteridade. (...) O estereótipo não pode ser considerado como algo falso. Trata-se, pois, de um elemento ambíguo, que representa, por um lado, um desejo de conhecer o outro. Por outro lado, é uma maneira de contê-lo. A ambiguidade do estereótipo deve-se também à divisão psíquica que se estabelece entre a fascinação e a curiosidade e o medo que sua existência faz emergir. O estereótipo é a resolução desses impulsos contraditórios. No estereótipo, o outro é representado por meio de uma forma especial de condensação em que entram processos de simplificação, de generalização, de homogeneização (OLIVEIRA et al *apud* RODRIGUES, 2023, p. 96).

Aqui traremos falas de estudantes retiradas de outros artigos para clarear o leitor com falas diretas de suas vivências, a seguir um trecho do diário de campo relatado por Rodrigues (2023) que traz o recorte do estereótipo vivido e também reproduzido por um aluno que foi transferido para a EJA:

Quando eu estudava no turno da manhã e da tarde, no integral, eu tomava duas refeições, agora estou no noturno passo o dia todo na rua, vadiando, sem ter o que fazer e eu só tomo uma refeição por dia que é lá na escola de noite. A escola de agora é longe da minha casa, fico cortando caminhos pelos becos e passo na pracinha em disparada lá fica cheio de 'noiados' e eu fico desviando deles, quando eu chego na avenida, são as pessoas que desviam de mim (Diário de Campo, 2018).

Além da dificuldade de acesso a escola ao qual o aluno foi assujeitado após sua transferência para o EJA, também conseguimos observar as necessidades básicas, como insegurança alimentar, que muitas vezes a alimentação é um dos estímulos que garantem a permanência do aluno na escola.

Outra fala que a autora destaca é a do Alex* (Nome fictício) que é um jovem pardo que auxilia no trabalho da sua família com venda de bebidas e por seu histórico de repetência escolar, foi solicitado que o mesmo fosse transferido para a EJA.

“Todas as noites, vou junto com meu pai, para os pontos de venda de bebidas e ficamos até meia noite ou mais, depende se tem evento, se tem jogo... Não posso estudar á noite, preciso trabalhar com meu pai. Vou ficar sem estudar” (Diário de campo, 2018).

Aqui observamos um recorte que a transferência para a EJA de forma mal planejada, pode estimular a evasão das pessoas as escolas.

Silva (2009) seleciona falas de pessoas negras que também compõem a educação de jovens e adultos, apresentando a visão deles sobre o processo de escolarização. Diferenciando o ensino regular e a EJA.

“Eu nunca tinha parado de estudar. E também é para recuperar o que eu tinha tomado bomba. Eu estou tentando recuperar, logo, logo risos. A minha mãe fala para mim que eu é que tenho que escolher o curso na faculdade, mas ela deseja que eu estude. Ela quer que pelo menos eu lá em casa seja alguém na vida, pelo menos um dos filhos dela” (Beatriz, jovem aluna da EJA, 2009).

“O Instituto de Educação tem um ensino muito bom né, porque lá eles preparam os alunos para entrar mesmo na faculdade. É porque eu acho assim se você tiver rendimento bom na escola que você estuda, se você aprendeu mesmo nessa escola, então no vestibular você também vai conseguir alguma coisa, agora se você não tem base nenhuma, ai com certeza você não vai conseguir nada saindo daqui você pode até tentar fazer o vestibular, mas não vai passar. Acho que primeiro vai ter de fazer um cursinho para depois passar” (Lélia, jovem aluna da EJA, 2009).

Os estigmas das limitações da formação na educação de jovens e adultos se encontram nas falas das entrevistadas por Silva, ao mesmo tempo que se traz a educação básica como uma possibilidade de evolução no contexto Étnico-racial, mas que na visão das entrevistadas a formação da EJA não é o suficiente para se construir a possibilidade de almejar o ensino superior.

Eu não tinha opção, porque tomei pau lá nas outras escolas que estudei e aí fiquei sem opção e tive que vir para cá. E foi o meu único meio de estudar tive que vir para cá de qualquer jeito. Senão eu iria ficar sem estudar e eu não posso ficar sem estudar. A EJA é meio devagar, né e se eu voltar para o outro colégio acho que ainda eu tomo bomba, risos. Por isso, o estudo é meio fraco na EJA, mas a gente tem que estudar a gente tem que levar. Foi decisão própria porque quando estudava lá no colégio anterior eu não estudava simplesmente fazia bagunça e tudo mais só que foi passando o tempo e fiquei um ano sem estudar então me toquei que tinha que estudar porque estava muito novo ainda e tive que tomar uma decisão por mim mesmo tive que voltar a estudar porque senão não vai para frente. Pretendo formar e fazer vestibular, ser alguém na vida (Milton, jovem aluno da EJA, grifos nossos, 2009).

Aqui Silva expõe um recorte em que o aluno percebe sua dificuldade de acompanhamento no ensino regular e vê o ritmo da formação da EJA relevante para sua visão de “ser alguém na vida”. As condições sociais que levam as pessoas negras ingressar na educação de forma tardia perpassa por um contexto histórico de sentidos subjetivos que Tacca e Rey explicam:

“[...] da ausência das condições que favoreçam a produção de sentidos subjetivos capazes de promover a aprendizagem escolar a partir da existência de configurações subjetivas geradoras de danos que comprometem a produção de sentidos subjetivos favoráveis ao aprender escolar.” (TACCA & REY, 2008, p. 296).

Nesse processo de subjetivação temos também o recorte de idade e gênero, IVANOV (2019) apresenta falas de senhoras de mulheres negras acima de 50 anos alunas da EJA e seu contexto social que as fizeram dar continuidade aos estudos apesar da idade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa produz a oportunidade de ter acesso a vivências e falas que contribuem na evolução subjetiva da cultura na formação e aprendizagem além dos desafios e dificuldades enfrentadas por pessoas negras na Educação de Jovens e Adultos. Porém ela também deixa o campo em aberto para novos levantamentos, de forma que se possa observar as subjetividades étnico-raciais mais próximas da nossa realidade na contemporaneidade no contexto da EJA.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tamiris. Em queda desde 2010, abandono do ensino médio volta a crescer em 2021. **Fundação Roberto Marinho**, 2022. Disponível em:

<<https://www.frm.org.br/conteudo/educacao-basica/noticia/abandono-do-ensino-medio-volta-crescer-em-2021>> - Acesso em: 23/05/2024.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.

CENÁRIO DA EXCLUSÃO ESCOLAR NO BRASIL - UM ALERTA SOBRE OS IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 NA EDUCAÇÃO. **UNICEF**, 2021. Disponível em: < <https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf>> Acesso em: 23/05/2024.

EVASÃO ESCOLAR E O ABANDONO: UM GUIA PARA ENTENDER ESSES CONCEITOS. **Observatório de educação ensino médio e gestão**, [2020]. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/abandono-evasao-escolar/?gad_source=1&gclid=Cj0KCQjw0ruyBhDuARIsANSZ3wqu9AqnSkfEdY-i9Ntl-0foz82jgYhIH_DMrs_8UDPDIIfGRzrO3PiwaAkUVEALw_wcB> – Acesso em 23/05/2024.

FERNANDES, V. B.; SOUZA, M. C. C.C. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n.63, (p. 103-120), abr. 2016.

IVANOV, Barbara Gonçalves, A Constituição Subjetiva De Mulheres Negras Estudantes da EJA e a Aprendizagem - Porto Alegre 2019

NOTA TÉCNICA: TAXAS DE ATENDIMENTO ESCOLAR. **Todos pela educação**, 2021. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/12/nota-tecnica-taxas-de-atendimento-escolar.pdf?utm_source=site&utm_id=nota> Acesso em 23/05/2024

Prodanov, Cleber Cristiano. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, Marinete Menezes Amaral. Jovens Adolescentes Negros e Periféricos do Ensino Fundamental “transferidos” para EJA: um estudo de caso de uma escola da rede estadual de ensino de Belo Horizonte- Belo Horizonte, 2023

SILVA, Natalino Neves da. Juventude, EJA e Relações Raciais: um estudo sobre os significados e sentidos atribuídos pelos jovens negros aos processos de escolarização da EJA – Belo Horizonte 2009

TACCA, Maria Carmen Villela Rosa; GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Produção de sentido subjetivo: as singularidades dos alunos no processo de aprender. Psicologia: ciência e profissão, v. 28, n. 1, p. 138-161, 2008.